

Povo exige derrota do pacote eleitoral

O Brasil em peso repele o pacote fascista que Figueiredo baixou para fraudar as eleições de 1982, enquanto fingia dialogar com as oposições. Golpe traiçoeiro do governo comprova que o regime dos generais não merece nenhuma confiança ou contemplação. Povo pressionará o Congresso para que enterre o pacote. Leia na página 3.

Figueiredo dá Carajás para os imperialistas

A negociação está na página 3

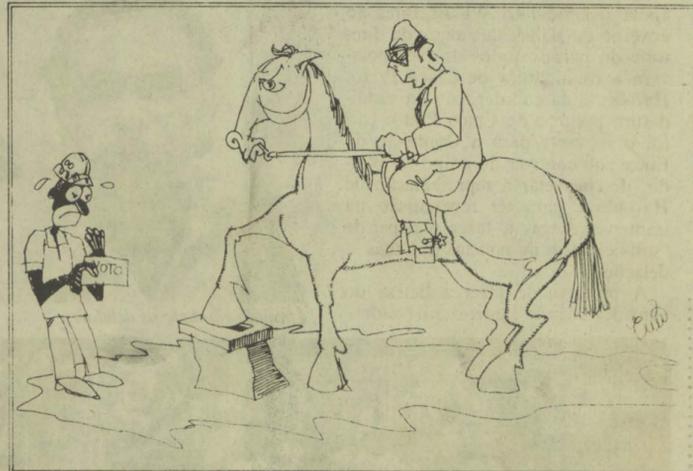


Foto: J. A. Neves
Jovem espancado pela PM na Câmara

Revolta em S. Luiz contra a carestia

PM reage com pancadaria. Pág. 8.

Aldo Rebelo defende o Congresso e a diretoria da UNE contra caluniadores

fala o POVO

Págs. 6 e 7

Editorial

Enterrar o pacote é a tarefa do momento

Derrotar o pacote eleitoral é de imediato a tarefa mais importante para todos os que lutam pela liberdade em nosso país. Contra esta manobra espúria existe hoje a possibilidade de unir o máximo de forças. E uma vez que o governo se encontra isolado, desmoralizado e dividido, que o próprio PDS já não cumpre à risca as ordens de seus chefes, existe a possibilidade de vitória.

* Se ainda existia alguma ilusão com as promessas de democracia de Figueiredo, o pacote deve ter se encarregado de enterrá-las bem fundo. Se existia alguma esperança de alcançar a liberdade sem colocar um fim ao regime militar, também deve ter ido por água abaixo.

O pacote veio reafirmar que os generais antes e acima de tudo tratam de assegurar em suas mãos o monopólio do poder. Que estão dispostos às manobras mais sujas para impedir que o povo e os democratas governem o país.

* O governo se mostrou incapaz de impedir o aprofundamento cada vez maior da crise econômica. Além de ser repudiado por todo o povo brasileiro, passou a sofrer restrições até mesmo de setores importantes das classes dominantes. Chegou a tal ponto que seria derrotado em qualquer eleição, mesmo com as regras arbitrárias que vigoravam até agora. Figueiredo resolveu então apelar para um verdadeiro assalto à mão armada, com o pacote de novembro.

Sem capacidade de justificar este golpe, o general cinicamente se limita a dizer que não "tolera ser encurralado" pela oposição. E tenta dobrar os vacilantes com ameaças.

Alguns já se acomodam ao pacote como inevitável. Não conseguem ver a diferença da situação atual em relação aos outros episódios em que o governo foi vencido no parlamento. Não perceberam a situação atual de fragilidade do esquema dominante. Mostram-se temerosos. Falam em abrir novos canais de "diálogo". Preocupam-se em negociar "para evitar o retrocesso". Não conseguem aprender com a experiência. E o que a

prática ensina desde 1964 é exatamente o contrário do que eles temem. Só quando estão encurralados os generais cedem alguma coisa. E só derrotando os generais é possível avançar no caminho democrático e evitar o retrocesso.

* Por outro lado, a experiência já mostrou também que a luta unicamente no terreno parlamentar é limitada. Somente uma mobilização popular, principalmente da classe operária, em união com as mais amplas correntes democráticas, é capaz de impulsionar os parlamentares da oposição, dividir o partido do governo e paralisar novas violências que certamente os generais tentarão praticar contra os brasileiros.

Uma vitória contra o pacote de Figueiredo na conjuntura atual pode criar condições para um vigoroso impulso na luta democrática. E pode romper o impasse institucional em que os generais envolvem o país, abrindo caminho no sentido de apressar o fim do regime.

* A classe operária não tem porque ficar alheia a esta batalha política em curso. Pelo contrário, é a classe mais interessada em conquistar eleições limpas e sem casuísmos. A luta eleitoral mobiliza amplamente a opinião pública e coloca em pauta a discussão sobre o governo e sobre o poder político. E de uma forma ou de outra é possível candidatar e eleger alguns representantes comprometidos com os interesses operários e populares. Exatamente por isto o governo procura cercear a propaganda eleitoral e restringir ainda mais as eleições.

A tradição operária já indicou uma série de formas de luta. As greves, as manifestações e mesmo os abaixo-assinados, não se restringem apenas às reivindicações econômicas. Em cada local, os sindicatos, as comissões de fábrica, as diversas organizações de trabalhadores saberão encontrar a maneira mais adequada para impulsionar a frente democrática contra o pacote e por eleições limpas em 1982.



Foto: L. Carlos Lente

Os meninos explorados da lavoura brasileira

Esta criança trabalha há 3 anos. Não tem a proteção de nenhuma lei. Não tem assistência médica. Não tem escola. Não tem infância. São quase 8 milhões de menores de 14 anos que trabalham na lavoura. Página 5



Diógenes Arruda Câmara

Arruda, um exemplo de militância operária

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Greve na construção em Vitória

46 mil trabalhadores contra salário de fome. Pág. 4.



Esta passeata de 2 mil trabalhadores percorreu 16 quilômetros para participar de uma assembléia

Sede de lucro dos donos da Aliperti causa a morte de dois metalúrgicos

Leia na página 4.

Em Cubatão criança nasce sem cérebro devido à poluição

Grandes firmas semeiam a morte. Pág. 8

Oposicionista baiano denuncia dedo-duros

O governo atualmente procura impedir a candidatura dos oposicionistas mais combativos. Dentro do próprio PMDB aparece gente que colabora com esta manobra. É o caso do vereador baiano Murilo Leite, que fez acusações policiais contra Haroldo Lima, candidato a deputado federal.

Em agosto passado, Haroldo Lima, candidato pelo PMDB da Bahia, encaminhou uma representação à comissão de ética do partido, contra as atitudes de delação do vereador Murilo Leite. O vereador denunciara a existência de comunistas na Fetag e em meio aos posseiros da região de Iramaia, onde estariam preparando um novo Araguaia, referindo-se à guerrilha de 1972-1974.

Na época, Rômulo Almeida, presidente do PMDB-BA, afirmou à imprensa serem "irresponsáveis e condenáveis" as acusações do vereador Murilo Leite. Ninguém no partido ousou defender a atitude do sr. Murilo. Mas quase cinco meses se passaram sem que a Comissão de Ética se dignasse a apreciar a representação de Haroldo Lima.

ADVOGADO FAZ DELAÇÃO

Hoje, Murilo Leite é do grupo que apóia o candidato Waldir Pires ao governo da Bahia, que alijou da diretoria do partido todos os que apoiavam a candidatura de Chico Pinto. Haroldo é da coordenação da candidatura popular de Chico Pinto. Isto foi o bastante para a Comissão de Ética, sob controle do grupo do Waldir, desengavetar a representação de Haroldo e para ter repercussão na imprensa chegar a fazer o papel de "sub-delegacia de polícia" por suas delações.

A pretexto de fazer a defesa do vereador Murilo Leite, o advogado

Nemésio Sales encaminhou à comissão de ética um documento cuja linha central é a dedução e a delação. O advogado dedo-duro não faz a defesa de Murilo e sim a delação de Haroldo Lima como tendo "dupla militância", uma no PMDB e outra no PC do Brasil.

É sabido que a Polícia Federal da Bahia está terminando inquérito procurando incriminar Haroldo Lima pela suposta "dupla militância" e responsabilidade no quebra-quebra dos ônibus em Salvador. Agora, as 18 páginas firmadas pelo advogado Nemésio Sales se constituem no material mais importante que a Polícia Federal tem para tentar enquadrar Haroldo na Lei de Segurança Nacional.

Se a Comissão de Ética e a direção do PMDB não rejeitarem logo a ação de dedos-duros como Nemésio Sales dentro do partido, estarão compactuando com a delação e levarão a desmoralização ao PMDB baiano. As forças democráticas, populares e operárias já estão se mobilizando para rechazar essas infiltrações de elementos que servem à ditadura nas fileiras oposicionistas. (da sucursal da Bahia)



Haroldo combate os delatores



A tropa de choque da PM foi usada para despejar os moradores com violência

Prefeito de Curitiba manda a polícia expulsar moradores

Numa quinta-feira, 19 de novembro, mais de 200 soldados da PM, acompanhados de oficiais de justiça, expulsaram 200 famílias que haviam ocupado um terreno de quatro mil metros quadrados em Vila Formosa, bairro de Curitiba, no Paraná. Estes moradores haviam construído seus barracos quatro dias antes. O terreno ocupado está em litígio há quase 50 anos, mas mesmo assim o juiz Vladimir Freitas autorizou a polícia a expulsar os moradores, a pedido de Antônio Joaquim Cordeiro, que se diz proprietário.

Com a operação militar do dia 19, as casas foram demolidas e somente algumas permaneceram de pé. Exemplos de resistência foram dados a todo

momento. Francisco Rodrigues, com 70 anos, ex-operário da serraria, se negou a sair do barraco. Foram necessários 15 policiais para tirá-lo de lá.

Quem saiu desgastado nesta história foi o governo e seu representante em Curitiba, o prefeito Jaime Lerner. Antes do despejo, uma comissão de parlamentares foi até o prefeito exigir uma solução para o caso e assim evitar pancadaria por parte da PM. Lerner assumiu o compromisso de dar uma solução para o problema. Mas os posseiros olhavam com desconfiança estas promessas. Depois do despejo, um deles afirmou: "No lugar de casa, tropa de choque. Assim é o governo".

(da sucursal)



O plenário se decidiu por uma Federação com braços e pernas, com presença popular.

Mulheres fluminenses realizam Congresso

Nos dias 21 e 22 de novembro realizou-se o II Congresso da Mulher Fluminense, o maior dos últimos anos naquele estado, reunindo cerca de 2 mil pessoas. As congressistas, divididas em grupos, debateram a situação da mulher e a condição feminina; as condições de vida; a saúde; a educação; a política; o trabalho; e suas formas de organização.

Em todos os grupos, as mulheres repudiaram a política do governo militar, considerando-a a principal responsável pela fome e a miséria do povo e pela discriminação que a mulher sofre no lar, nos locais de trabalho, nas escolas, nos meios de propaganda e na rua.

Quando se discutiu a questão do aborto, as mulheres

defenderam o "direito de serem mães de quanto filhos quiserem", com direito a educação e atendimento médico, alimentação e moradia. "No entanto - disse uma das presentes - muitas de nós somos proibidas de ter filhos e não temos direito ao aborto com assistência médica e gratuita".

A ORGANIZAÇÃO

O tema que polarizou as congressistas foi a organização do movimento de mulheres. Duas posições conquistaram maior número de adesões: uma que defendia a imediata criação da Federação das Mulheres Fluminenses e a outra que defendia uma Comissão Pró-Federação. Luiza Martins, membro da coordenação do Movimento Contra a Carestia, argumentava: "As entidades femininas de base

ainda não existem e criar uma Federação agora seria criar uma Federação de cúpula, deformada, pois somente teria cabeça, sem pernas para caminhar". Dona Josefa Paulina da Silva, 57 anos, representante dos Trabalhadores Rurais do Rio, agregou: "A Federação precisa ter raízes, precisa ter povo. E o povo começa a chegar". E Dona Lídia, representante dos favelados, arrematou: "Bebê que nasce antes do tempo, precisa de incubadora e dá trabalho para criar. Queremos que a Federação nasça forte. Por isso defendo a Comissão Pró-Federação".

Esta proposta foi vencedora na votação, apesar dos perdedores terem apagado as luzes e encerrado o Congresso. (da sucursal)

Capangas de empresário e polícia espancam favelados

Durante oito dias, 218 famílias empreenderam uma heroica luta no bairro de San Martin, em Salvador, Bahia, para ter um terreno onde construir seus barracos. Os ocupantes do terreno tiveram que enfrentar diversos tipos de inimigos: o dono da empresa de Ônibus Liberdade, a polícia e a prefeitura local.

Romildo Ermínio, um dos ocupantes do terreno, conta como foi a luta. "Tinha um bocado de pais de família sem condições de pagar aluguel, porque o aluguel subiu só agora 96,22%. E tinha aquele terreno baldio no fundo da Empresa de Ônibus Liberdade, que era um dique fedorento e que nós moradores de San Martin entulhamos. Depois de termos feito essa benfeitoria, invadimos o terreno no dia 29 de outubro".

"Quando a gente começou a marcar o terreno - conta Romildo - o dono da empre-

sa, Ival Figueiredo, comunicou o fato à polícia. A PM e os capangas do Ival resolveram tanger a gente como se fôssemos marginais. Queimaram todo o nosso material, derrubaram todas as panelas de comida. O próprio Ival Figueiredo ameaçou dar uma facada numa senhora. Um dos nossos colegas, o Capote foi preso e brutalmente espancado".

"Durante três dias voltamos a construir os barracos e eles voltaram novamente, dessa vez com 19 viaturas da polícia. Eles derrubaram todos os barracos novamente e

nós construímos de novo. A violência dessa vez foi pior ainda. Com a força do Movimento Contra a Carestia, do CADH e do vereador Agenor Oliveira, nós fomos ao prefeito quando ele estava tomando posse, onde fizemos uma manifestação com todos os moradores exigindo o direito de morar".

O prefeito, diante daquela manifestação, comprometeu-se publicamente a atender as reivindicações dos moradores. Mas, mesmo depois dessa promessa, o grileiro Ival Figueiredo mandou mais uma vez seus capangas espancar os moradores e derrubar os barracos. Romildo afirma que apesar de toda esta violência, "nós vamos permanecer no local e lutar pra vencer".

(da sucursal)

Povo baiano consegue baixar tarifas de ônibus urbano

Quatro meses após a grande revolta popular em Salvador contra o aumento de 61% nos transportes coletivos, o povo baiano obteve outra vitória: a diminuição das tarifas dos ônibus. Os preços das passagens que eram de 21 e 23 cruzeiros caíram para 19 cruzeiros. Além disso foi implantada a tarifa "super povão", das 4 às 6 da manhã, ao preço de 10 cruzeiros.

Segundo Sandra Soares, membro da coordenação do Movimento Contra a Carestia, "a diminuição da tarifa sem dúvida é uma vitória parcial de toda a luta que se desenvolveu nesses quatro meses. Essa medida veio junto a um conjunto de outras coisas que a nosso ver são medidas demagógicas e eleitoreiras". Mas a luta não terminou e a mobilização do povo recomeça com a distribuição de volantes nos terminais de ônibus. (da sucursal)



O povo conquistou na luta tarifas mais baixas



Ambulante de Curitiba quer ponto final nas agressões

Os artesãos e vendedores ambulantes de Curitiba enfrentam de novo a repressão por parte dos fiscais da prefeitura, que sob as ordens de Jaime Lerner desconhecem as leis que os protegem. Na semana passada, quando os fiscais atacaram de novo, levando mercadorias, os autônomos reagiram. Estão com um abaixo-assinado organizado por sua associação, que já conta com centenas de assinaturas, exigindo o direito de trabalhar. Na quinta-feira, dia 26, eles fizeram uma manifestação, reunindo centenas de trabalhadores solidários com seus direitos e exigências. Eles querem lugar para expor sua mercadoria e o fim das agressões. (da sucursal)

Arrastão ganha DCE da Universidade do Amazonas

O movimento estudantil amazonense deu um grande salto com a vitória da chapa Arrastão nas eleições do DCE da Universidade do Amazonas. Dos 5.700 alunos cerca de 4.500 votaram, sendo que Arrastão ganhou 1.623 votos, 300 a mais do que a segunda colocada.

Em Belo Horizonte, no DCE da UFMG, tomou posse a chapa Renovação, com a presença de cerca de 400 pessoas. O atual presidente afirmou a disposição da diretoria lutar por melhores condições de ensino e mais vagas para Educação. Ambas as chapas se identificam com a tendência Viração, cujas propostas também foram vencedoras no Congresso da UNE. (da sucursal)

A posse da nova diretoria da UBES em São Paulo

Perante uma plateia jovem e animada, tomou posse dia 28 em São Paulo a diretoria da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), eleita em Curitiba no Congresso de Reconstrução e presidida por Sergio Silveira. O ato foi prestigiado por representantes de todos os partidos de oposição e dezenas de entidades, destacando-se a UNE e a pró-CUT. Todos saudaram a reorganização vitoriosa da UBES, 11 anos após sua desarticulação pela repressão fascista. E manifestaram a confiança de que os secundaristas, contando agora com sua entidade máxima, participarão ainda mais da luta de todo o povo pela liberdade e contra o regime militar.

União das Mulheres Paulistas vai ser lançada em dezembro

No dia 6 de dezembro será criada em São Paulo a União das Mulheres Paulistas. O ato será realizado no Sindicato dos Químicos e deverá contar com a presença de representantes de entidades democráticas e populares, sindicatos, partidos políticos e da Federação de Mulheres. A entidade pretende congregar as trabalhadoras e donas de casa, não organizadas em entidades e que necessitam de uma tribuna para debater seus problemas. A União de Mulheres pretende filiar-se à Federação, contribuindo para dar-lhe maior consistência e representatividade.

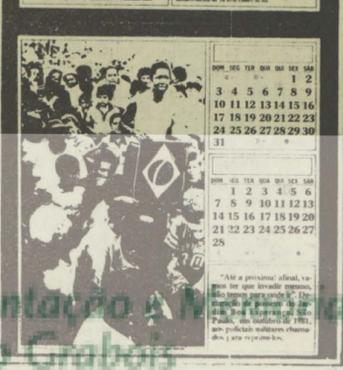
Mulheres de Ourizona não aceitam lei machista do PDS

Duro o pouco a escalada medieval dos nove vereadores (todos do PDS) da cidade de Ourizona, Paraná. A pretexto de preservar a moralidade "nos tempos de libertinagem que vive o país", eles aprovaram um requerimento proibindo todas as mulheres de circular depois das 22 horas nas ruas da cidade, de 3 mil habitantes. Mas a reação dos moradores foi tão enérgica que logo no dia seguinte os vereadores tiveram que recuar.

Nestas festas dê um presente útil o ano todo! Calendário da Tribuna Operária

Doze páginas a cores, amplamente ilustrado, com as principais datas históricas.

À venda nas sucursais da Tribuna Operária.



Princípios número 3 mostra a realidade da URSS de Brejnev

Assinatura: 4 números - Cr\$ 600,00. Número avulso: Cr\$ 150,00.
Pedidos: Editora Anita Garibaldi, Rua Major Quelidino, 300, sala 3, Bela Vista - São Paulo, SP.

Desejo receber em casa os 25 próximos números da Tribuna Operária. Para isto envio anexo um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., correspondente a uma

Assinatura de apoio (Cr\$ 1.500,00)
 Assinatura standart (Cr\$ 750,00)
 Assinatura parcelada (2 x Cr\$ 375,00)

Nome: _____
 Endereço: _____
 Bairro: _____ Estado: _____
 CEP: _____ Fone: _____ Data: _____
 Profissão: _____

Tribuna Operária

Jornalista responsável: Pedro Oliveira

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Hangel, Dilair Aguiar.

Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501 - Bela Vista - São Paulo, Capital, Tel.: 36-7531 CEP 01325.

Sucursais: Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A, Pça. da Saudade - Caixa Postal 1439 Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000. Maranhão: Rua Osvaldo Cruz, 340 - sala 404 - São Luiz - CEP 65000. Piauí: Rua David Caldas, 374 - sala 306 - Sul - Teresina - CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 243 - sala 208 - Fortaleza - CEP 70000. Paraíba: Av. D. Pedro II, 1.012 - João Pessoa - CEP 58000. Pernambuco: Rua do Sotelo, 42 - 7 andar - sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. Bahia: Rua Senador Celso Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 295 - sala 205 - Vitória - CEP 35000. Minas Gerais: Rua da Bahia, 1.012 - Belo Horizonte - Tel.: 224-7605 - CEP 30000. Rua do Contorno, Rodoviário, 343-345 - Contagem - CEP 34000. Goiás: Rua S. Elias, 615 - edifício Mirante - sala 2005 - Centro - Teresopolis - CEP 20000. Distrito Federal: Ed. Galeão - sala 306 - Sul - Teresopolis - CEP 70317. Espírito Santo: Av. Getúlio Vargas, 247 - sala 705 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 - sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021. Av. Amarel Peixoto, 370 - sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo: Rua Marechal Doodoro, 943 - Centro - Campinas - CEP 13400. Praça Ennes da Silveira Melo, 1378 - Friburgo - CEP 13100. Paraná: Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 809-A - Curitiba - CEP 80000. Rua Sérgio, 891 - salas 7 e 8 - Londrina - CEP 86100. Rio Grande do Sul: Rua General Câmara, 52 - sala 25 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua da Mouraria, 258 - 1 andar - sala 901 - Montevideo - CEP 11000. Sergipe: Rua Costa Pessoa, 10 - sala 28 - Aracaju - CEP 59000.

Além de Tribuna Operária publicamos a revista Anita Garibaldi Ltda. Imprensa da Cia. Editora Joffily. Rua Castro da Fundação Maurício Grabois.

Carajás

Alcoa e Shell cravam as garras no alumínio

A Alcoa e a Shell vão ficar dez anos sem pagar imposto de renda em sua usina de alumínio no Maranhão. O Estado não receberá 100 milhões de dólares de impostos em 5 anos. Isso foi deci-

didado no dia 23 pela equipe do governo que está entregando Carajás. Serão criados 3 mil empregos diretos, mas a poluição da usina matará os peixes, tirando o sustento de 65 mil pescadores.

O consórcio Alumar — com 60% da Alcoa, americana, e 40% da Shell, holandesa — é um verdadeiro escândalo. Os gringos vão utilizar a bauxita de Carajás para produzir 500 mil toneladas de alumina e 100 mil toneladas de alumínio por ano. Além de entregar boa parte do nosso alumínio ao capital estrangeiro, ainda dão todas as facilidades. É uma dupla traição. As duas multinacionais não vão pagar impostos. E vão faturar alto no mercado externo. O povo é que vai pagar, caro, para ser explorado!

TUDO DE GRAÇA

Outra moleza será a infraestrutura. As empresas não vão desembolsar um tostão para construir a ferrovia de 900 quilômetros no meio da selva, de Carajás até a usina, nem pelas obras portuárias em São Luiz, nem muito menos pela hidrelétrica de Tucuruí. O governo pagará esta parte, 6 bilhões de dólares, quase tudo vindo de empréstimos externos.

A Alcoa e a Shell terão energia elétrica barata, com tarifas especiais. E para sustentar isso, a conta de luz do coitado do trabalhador vai ficando cada vez mais alta. Além disso, o governador do

Maranhão, sr. João Castelo, ainda entregou dez mil hectares de terras de graça para o consórcio. Com esse golpe, as duas multinacionais ficaram com um sétimo do território de toda a ilha de São Luiz (veja o mapa).

A LAMA VERMELHA

Nos países desenvolvidos o controle da poluição é rigoroso. Em muitos casos o povo sai às ruas e fecha as fábricas poluidoras. No Brasil, o entreguismo dos governantes não permite o controle da poluição. O alumínio é um caso terrível.

A poluição principal vem da "lama vermelha", lixo da fabricação da alumina. Altamente cáustica, ela polui os mananciais de água e mata os peixes, camarões, sururus, etc. No ar de São Luiz, estarão o pó de alumina, fluorento e o temível dióxido de enxofre, que se mistura com a umidade do ar, se transforma em ácido sulfúrico e cai no solo em forma de chuva.

A CARAJÁS-SÃO LUIZ

O povo do Maranhão não receberá nenhum benefício. O desemprego aumentará — só os pescadores que perderão seu sustento são 65 mil. E o Brasil ficará ainda mais dependente e endividado.

A ligação ferroviária entre as jazidas de Carajás e São Luiz é mais um episódio sujo e vergonhoso. Sua construção conta com um empréstimo do Banco Mundial, de 215 milhões de dólares. Mas como sempre acontece o Banco exigiu que grande parte do dinheiro (170 milhões) fosse gasta com importações. Com essa chantagem o Brasil tem que importar até madeira para os dormentes da estrada. Pois é: em plena floresta amazônica, temos que importar madeira! Triste retrato de um país que está nas mãos dos banqueiros internacionais.

Mas enquanto a economia brasileira agoniza, não faltam abutres para aproveitar a situação. As terras que estão na beira da ferrovia serão brutalmente valorizadas. O senador José Sarney, presidente do PDS, já comprou enormes extensões de terras na região.

ROUBO DE TERRAS

Dentro do Projeto Carajás, o governo também vai entregar 15,5 milhões de hectares (mais que o território do Uruguai) para os grandes grupos econômicos, principalmente estrangeiros. As terras serão arrendadas por 60 anos, lembrando tristemente o Brasil das sesmarias. Só no Estado do Maranhão, essas concessões vergonhosas serão de 2,5 milhões de hectares, e nas terras mais férteis: Pindaré, Mearim, Imperatriz.

Enquanto isso, a reunião do dia 23 — presidida pelo famigerado Delfim Neto — resolveu assentar 4.700 famílias de posseiros numa área de apenas 200 mil hectares. Para meia dúzia de grupos poderosos, o governo destina milhões de hectares.

Assim se desenrola o primeiro ato da tragédia de Carajás. O governo Figueiredo já garantiu o seu lugar na história, como o campeão do entreguismo. Mas a peça ainda não terminou. Nosso povo sempre soube defender a pátria.

Figueiredo encurralado investe contra a oposição

No dia 25 o general Figueiredo divulgou o pacote eleitoral. Quer impedir os partidos de oposição de se unirem para derrotar o governo. E quer colocar o único partido que o apoia em disputa com a oposição fragmentada em vários partidos.

Os generais pensam em usar a máquina governamental para chupar votos para o PDS nos municípios. Ao mesmo tempo proíbem a coligação da oposição em torno dos democratas mais representativos em cada região do país.

Até as 11 horas do dia 25, os líderes dos partidos de oposição estavam no gabinete do ministro Abi Acel, "negociando" as regras para as eleições de novembro do próximo ano. Estavam até otimistas. Não sabiam que, desde a viagem do general Figueiredo aos Estados Unidos, já estava embrulhado um pacote para fazer as eleições no estilo militar: pode votar... desde que o governo fique com os generais.

Agora o regime está mais isolado e desmoralizado

O governo militar não admite que a opinião da maioria dos brasileiros possa valer mais do que a vontade do Alto Comando das Forças Armadas. Desde que tomaram o poder com o golpe de 1964, os militares procuram fazer e mudar as leis de acordo com as suas conveniências.

Em 1968, o governo foi derrotado pelo Congresso quando queria processar o deputado Márcio Moreira Alves. Os fascistas partiram para a ofensiva, fecharam o Congresso e mergulharam o país numa longa noite de torturas e terror.

Em 1977, já em dificuldades, com reduzido apoio social, diante de nova derrota, desta vez por causa da re-



ISSO MESMO. EMPACOTA ELES!

PODE VOTAR EM QUEM QUIZER... DESDE QUE SEJA DO PDS!

forma do Judiciário, o governo voltou a apelar. Fechou outra o vez o Congresso e impôs o pacote de abril. Mas essa já foi uma ofensiva de pouco fôlego. A manobra foi amplamente repudiada e a oposição retomou a luta levantando com força a bandeira da Constituinte livre e soberana.

Atualmente o regime se encontra ainda mais desmoralizado e isolado. Ministros e líderes governistas se desentendem publicamente. O PDS está em desagregação e o seu esquema parlamentar já não garante a maioria do governo. As oposições derrotaram, no Congresso, o pacote do INPS e a tentativa de impor as sublegendas nas eleições de 1982.

É possível barrar este golpe contra as eleições de 82

Sem capacidade para apresentar solução para os problemas do país, o governo foi colocado na defensiva. O próprio Figueiredo declarou que não aceita ser "encurralado" pela oposição. Apelou para o pacote de novembro, numa tentativa desesperada de retomar a iniciativa política.

Sendo assim, existe a possibilidade de impedir no Congresso mais este golpe

contra as eleições. O deputado Chico Pinto disse à Tribuna que "isto vai depender muito da mobilização popular. A maioria do PDS é limitadíssima. Estamos inclusive recolhendo subsídios jurídicos para encorajar os dissidentes a nos ajudarem a derrubar o pacote eleitoral".

A mobilização de massas ajuda a fracionar o PDS

A mobilização de massas encoraja mesmo os opositores vacilantes e contribui para o fracionamento do PDS. A situação exige que se una o máximo de forças para condenar o pacote e exigir eleições limpas em 1982. O pronunciamento imediato e enérgico de todas as organizações, entidades e personalidades democráticas e uma caravana democrática a Brasília, no dia da votação, pressionará os congressistas para que se comportem de acordo com o desejo do povo.

A derrota do pacote no Congresso aprofundará a crise institucional em curso no país. Os generais não estão dispostos a aceitar a opinião do povo e nem o perigo de perder as eleições de 1982, e muito menos o direito de nomear o próximo presidente.

No caso do governo impor o pacote, a tendência é as oposições procurarem uma forma de se unir para enfrentar em bloco as eleições. O deputado Chico Pinto afirmou, com razão, que "neste caso, nossa posição é por uma frente de grupos e partidos políticos, unida sob a mesma legenda apenas em virtude da imposição legal, mas onde todos tenham seus espaços garantidos e definidos, sem se diluir".

Certos líderes do PT se isolam dos democratas

Somente certos membros da cúpula do PT não conseguiram, ou não quiseram, entender que a hora é de unir contra o regime militar, para conquistar a liberdade e o direito de livre organização partidária. Ao invés disto, se isolam das forças democráticas. Estes dirigentes, acobardando na prática as normas arbitrárias do regime, pretendem antes de tudo afirmar o seu próprio partido. Com isto, fazem o jogo do governo. Criam atritos até mesmo dentro do PT. São tão míopes no seu sectarismo que não percebem inclusive que o PT será um dos mais prejudicados.

O diálogo que se impõe é através da Constituinte

Este episódio tem o mérito de esclarecer ainda mais como é limitada a luta eleitoral e parlamentar. Serve para reafirmar que, sem liquidar o regime militar, o povo estará sempre sujeito a manobras e violências dos generais a serviço das classes dominantes. Mostra também como é falso confiar nos "diálogos" dos poderosos. Para os generais diálogo é sinônimo de imposição. Na situação de crise atual, o debate que se impõe é através de representantes eleitos, com liberdade para discutir e decidir. Isto só pode ocorrer em uma Assembléia Constituinte livre e soberana, garantida por um governo provisório, que represente o povo unido e o conjunto das correntes democráticas.

(Rogério Lustosa)



Multinacionais vão transformar ilha de S. Luiz do Maranhão num inferno poluído

Belém
PARÁ
São Luiz
Carajás
MARANHÃO

Esta é a cidade de São Luiz, com meio milhão de habitantes

E esta é a área que o governo entregou à Alcoa e à Shell, com isenção total de impostos

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Homem de pensamento e de ação marxista-leninista

Diógenes de Arruda Câmara, pernambucano de Afogados de Ingazeiras, aos 19 anos ingressou no Partido Comunista do Brasil, onde militou até a sua morte, aos 65 anos, em novembro de 1979. Foi um incansável organizador do Partido, dedicando atenção especial à formação teórica de seus militantes.

"Tem que estudar muito, companheiro. Não se pode fazer revolução às cegas, sem conhecer a teoria marxista-leninista". Arruda repetia isto por todo lado.

Arruda compreendeu que sem o domínio da teoria revolucionária a vanguarda da classe operária não pode interpretar os acontecimentos de um ponto de vista científico, nem ajudar as massas na luta de classes, na luta pela liberdade e pelo socialismo. Na clandestinidade, no exílio e até na prisão, sempre arranjava forma de organizar um curso. Onde estivesse tratava de formar revolucionários que dominassem a teoria.

O AÇO AFIAO E A FERRUGEM

Dedicado à organização do Partido, Arruda era necessariamente exigente. Não conciliava com os erros e com o oportunismo. Criticava-os, e com rigor. Dizia sempre que os revolucionários deviam manter afiado o aço e não deixar que a ferrugem do liberalismo tomasse conta do partido. Era também rigoroso com a disciplina. Compreendia que a vanguarda do proletariado não pode ser um agrupamento onde cada um coloca a sua opinião acima do coletivo. Uma vez discutido um assunto e tomada a posição da maioria, cada militante tem obrigação de defender e aplicar a decisão partidária.

Esta fidelidade ao Partido e o rigor na crítica lhe valeu o ódio dos revisionistas que pretendiam transformar o Partido em um aglomerado liberal. Criaram até o termo "arrudismo" para denegrir a sua atividade.

Depois de um período de prisão, brutalmente torturado, sem prestar nenhuma informação aos torturadores, Arruda anu-

ciou com estardalhaço a volta do "velho stalinista".

PRONTO A DISCUTIR TUDO

Os que não o conheciam esperaram um homem arrogante, intransigente, intratável. Mas nos 48 dias que esteve no país, viajando e fazendo inúmeras reuniões, apareceu exatamente o contrário. Atrás daquele grande bigode, havia uma pessoa cheia de vida, sorridente, pronta a discutir todos os assuntos. Um homem que não temia o debate, que admitia os erros mas defendia ardorosamente os princípios revolucionários. E que tinha um orgulho especial de ter conhecido Stalin.

Nos poucos dias em que pôde abertamente expor suas idéias, Arruda mostrou que os ataques que lhe faziam não eram pelos seus erros mas justamente pelas suas qualidades. Mostrou que tentavam destruir o comunista, o homem de Partido, o defensor intransigente dos princípios do proletariado. Mostrou que a acusação de stalinista era no fundo a acusação de revolucionário.

INTERNACIONALISTA CONVICTO

Ele se destacou ainda por seu espírito internacionalista. Por onde esteve na América do Sul e na Europa, procurou ajudar os revolucionários na árdua tarefa de construir o partido da classe operária. Em Portugal foi onde teve uma atuação mais destacada. Encontrou um terreno fértil para as idéias marxistas-leninistas. Numa situação de grande ebulição revolucionária, com o proletariado procurando formas de influenciar nas atividades políticas do país, Arruda contribuiu com sua experiência para a fundação e o avanço do Partido Comunista (Reconstruído).

Em 25 de novembro, Arruda morreu. Seu coração não resistiu às emoções e ao trabalho intenso que ele se impunha. Mas seu exemplo, como revolucionário e como homem, seu otimismo, sua fidelidade ao proletariado e à revolução permanecem vivos.

Militares querem condenar o povo

No dia nove de dezembro se inicia a segunda fase do julgamento dos padres Aristides Camio e Francisco Goriou e dos 13 posseiros do Araguaia acusados de emboscar no dia 13 de agosto agentes da Polícia Federal e jagunços. A prisão e julgamento estão sendo conduzidos de forma arbitrária e autoritária pela Justiça Militar.

Os advogados de defesa enviaram recurso à 8ª Circunscrição da Justiça Militar de Belém, onde é feito o julgamento, pedindo o relaxamento da prisão, mas o Juiz recusou.

A própria demora do processo demonstra o caráter político que os militares dão a ele. O julgamento no fundo é uma farsa com o objetivo central de condenar os camponeses que lutam, inclusive de armas na mão, em defesa de suas terras frente à ganância dos latifundiários e das multinacionais.

CONDENADOS OS 11 DO ABC

Com o mesmo caráter, desta vez tentando brecar a luta operária, foram julgados no dia 19 pela 2ª Auditoria Militar de São Paulo os 13 dirigentes sindicais do ABC que estiveram à frente da greve dos 41 dias.

Neste caso também as cartas do jogo já estavam marcadas. Os militares, que estiveram diretamente envolvidos na repressão dos grevistas, condenaram 11 sindicalistas a penas que variam de 2 anos a três anos e meio de prisão.

Após a leitura da condenação, um dos operários, Wagner Lino, soltou um grito que reflete os anseios de todo o povo brasileiro: liberdade! A pequena multidão que se concentrava na Auditoria o acompanhou.

Como forma de protesto, algumas fábricas de São Bernardo paralisaram suas atividades (veja box). Na Assembléia Legislativa de São Paulo, um ato repudiou dia 20 a decisão do regime militar. O senador Henrique Santillo, em Brasília, propôs o desencadeamento de um movimento pelo fim da famigerada Lei de Segurança Nacional.



Os condenados do ABC deixam a Auditoria Militar em São Paulo

Fábricas de S. Bernardo param em protesto

Nas três maiores fábricas de São Bernardo os operários cruzaram os braços dia 19 e 20 contra a Lei de Segurança. O protesto foi de curta duração e não sincronizado, mas é a semente de um movimento grevista de qualidade superior, diretamente político. Fala-se em parar toda São Bernardo quando houver o julgamento em Brasília.

A Mercedes parou das 13 às 15 horas do dia 19, ainda durante o julgamento, para pressionar os juízes. Mais de três quartos dos trabalhadores aderiram, inclusive mestres e encarregados.

Na Volkswagen o movimento foi detonado por um telefonema, tarde da noite, anunciando a condenação. Imediatamente o setor de ferramentaria (Alas 8 e 8A) começou a arti-

cular a paralisação, que ocorreu de madrugada. No dia seguinte, por iniciativa da Ala 8, com adesão de todas as alas, mais de 2 mil ferramenteiros do turno da manhã pararam também, por uma hora.

Na Ford, considerada a fábrica mais "quente" de São Bernardo, a paralisação foi total. Desde o setor de tratores até a automotiva, 8 mil operários cruzaram os braços, o que serviu como ensaio para a greve do dia 23 contra as demissões (veja na pág. 4).

Um ferramenteiro da Volks comentou para a Tribuna que o movimento foi espontâneo, e poderia ter sido maior. "Eu acho que se houver uma organização — disse ele — dá para tirar uma greve de toda São Bernardo no dia do julgamento em Brasília".



Assembleia dos operários da construção civil de Vitória que decidiu continuar a greve.

46 mil operários param a construção em Vitória

No dia 30 de novembro, 3 mil operários da construção civil de Vitória (Espírito Santo) decidiram pela continuidade da greve, deflagrada no dia 23. A DRT recusou o pedido dos patrões de declarar a greve ilegal. O número de grevistas é 46 mil. A maior empregadora do setor, a Siderúrgica Tubarão, está parada.

A surpresa nessa greve foi a rapidez com que se espalhou. Muitos dos que compareceram à assembleia do Sindicato de greve, no dia anterior, tiveram dúvidas quanto à força que teriam para mobilizar milhares, como aconteceu, já que foram pouco menos de trezentos operários que participaram e votaram a favor da proposta. Até a diretoria temeu um esfriamento. Entretanto, nos dias seguintes, os operários mostraram o vigor da luta.

LUCRO DE 61%

A greve foi o único instrumento capaz de fazer frente à intransigência dos patrões em negociar as reivindicações da categoria. "Operário não é palhaço", era o que mais se dizia. A gota d'água foi a notícia que, após 27 dias de negociação sem resultados concretos, os empregadores estariam dispostos a conceder 3% de produtividade, quando a reivindicação era 15%, e sabendo que

as construtoras tiveram um lucro líquido de 61% no ano passado.

Sebastião Luiz do Nascimento, carpinteiro em Carapina, fiscal do Sindicato dos trabalhadores, morador em um barraco no mesmo bairro, revelou que a adesão em massa foi resultado do descontentamento que crescia nos canteiros de obras. "Eles (os operários) estavam só esperando a ordem de greve", disse ao explicar o motivo da pouca participação nas assembleias anteriores à greve. Conforme dados do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, existem no Espírito Santo cerca de 80 mil operários empregados no setor.

A LONGA PASSEATA

Logo no terceiro dia de greve, cerca de 2 mil operários saíram em passeata, de Carapina ao centro de Vitória, num percurso de 16 quilômetros, para participarem da assembleia realizada no Colégio do Carmo. Essa de-

monstração de ânimo para a luta foi o grande acontecimento do dia. Em coro, gritavam: "Agora é nossa vez!", e foram aplaudidos entusiasticamente pelos outros 3 mil companheiros que lotavam o auditório.

Foi expressiva a solidariedade manifestada pelos partidos políticos de oposição, Frente Sindical do Espírito Santo, o clero, estudantes e movimentos populares. A arrecadação do Fundo de Greve teve início no segundo dia de paralisação dos trabalhos.

REPRESSÃO

No primeiro dia de greve, o operário Antonio José Barcelos foi preso. No segundo dia, houve espancamento de cinco operários nas proximidades da Siderúrgica Tubarão. No terceiro dia houve duas prisões, mas os operários foram soltos com a interferência dos advogados. A presença da tropa de choque é ostensiva na entrada do Colégio do Carmo, onde são realizadas as assembleias. Mas os operários não estão se intimidando e há perspectiva de paralisação também em outros municípios, como Linhares, Colatina e São Mateus, onde a discussão já se iniciou. (da sucursal)

Operários de Brasília contra o pelego Sérgio

Em janeiro será realizada eleição da nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Brasília. A categoria pretende botar para fora o pelego José Sérgio, há dez anos encastelado na presidência da entidade. Para isso, os operários formaram a Chapa 2, de oposição, que conta com o apoio dos setores democráticos brasileiros.

Os trabalhadores da construção civil constituem a maior categoria profissional de Brasília, somando mais de 50 mil operários. Mas o pelego José Sérgio quer mantê-los afastados da sua entidade. Não chega a 3 mil o número de sindicalizados. No ano passado, quando os trabalhadores da construção civil desencadearam a greve pelo aumento de 60%, os pelegos dificultaram a mobilização da categoria e ainda facilitaram a prisão de líderes grevistas.

bou entregando para uma construtora um terreno pertencente à entidade. Querem explicações, também, sobre a omissão da diretoria quando, na eleição sindical de 1974, membros da chapa de oposição foram presos e torturados.

Mas antes de cair nas mãos dos pelegos, o Sindicato formou uma firme tradição de luta. Foi a primeira entidade sindical a ser criada em Brasília, ainda antes da cidade ser inaugurada. No final da década de 50, o Sindicato encabeçou a luta pela obtenção do maior salário-mínimo para Brasília, que beneficiou todas as categorias.

É essa tradição de luta que a Chapa 2 quer retomar, com um programa, onde defende melhores condições de vida e trabalho para os operários; a participação democrática na entidade e seu fortalecimento; melhoria da assistência aos associados; fiscalização nas obras; independência e liberdade sindicais; criação da Central Única dos Trabalhadores; e apoio às resoluções da Conferência Nacional da Classe Trabalhadora.

NEGOCIATAS

Os operários estão descontentes com a diretoria. Querem esclarecimentos sobre uma negociata em que Sérgio envolveu o Sindicato e aca-



Assembleia dos metalúrgicos da Ford durante a greve

Greve na Ford e FMB contra a nova onda de demissões

A classe operária continua em luta para impedir as demissões. Os trabalhadores pararam as máquinas na Ford e Massey Fergusson, em São Paulo; e na FMB, em Minas Gerais. Na Ford conseguiram uma importante vitória, com o cancelamento das demissões.

PARALISAÇÃO TOTAL

Há algum tempo os metalúrgicos da Ford andavam desconfiados de que a multinacional estava planejando novas demissões, desta vez a conta-gotas, no "estilo Volks", como se diz em São Bernardo. Na sexta-feira, dia 20, na hora da saída, 11 operários foram demitidos. Na manhã da segunda-feira a comissão de fábrica e a diretoria do sindicato começaram a conclamação. Na hora do almoço estava tudo parado.

Os mensalistas, desta vez, também entraram na greve. Até a gerência aderiu à paralisação. Dez mil metalúrgicos parados "acamparam" dentro da fábrica, para forçar a multinacional. A empresa viu-se obrigada a readmitir os 11 dispensados, o que representou um êxito, embora outros 11 operários tenham que ser transferidos para a fábrica da Ford em Taubaté. A empresa ainda tentou descontar o pagamento de domingo. Mas a resposta foi imediata. Nova greve, de 400 operários. A Ford teve de recuar mais uma vez.

OUTRAS PARALISAÇÕES

Na FMB, em Minas Gerais, a greve foi no dia 25 de novembro. Um ferreiro havia sido demitido no



Grevistas em frente a FMB

dia 24, e seus companheiros pararam o trabalho, em solidariedade. Em resposta, a empresa suspendeu por um dia 270 operários. Chamou quase 300 policiais. A tropa espancou 7 trabalhadores, entre eles o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Betim, Sérgio Martins de Oliveira, que teve um braço quebrado e ficou preso no DOPS até as 3 horas da madrugada. Devido à forte repressão, no dia 27 os operários decidiram retornar ao trabalho.

E os metalúrgicos da Massey Fergusson, em São Paulo, pararam também as máquinas, na tentativa de impedir o fechamento da sucursal paulista dessa multinacional norte-americana. Neste caso, ainda não conseguiram a vitória.

Greve nacional dos docentes conquista vitórias parciais

Após 20 dias de greve, os professores das universidades autárquicas voltaram ao trabalho no dia 30 de novembro. Conseguiram arrancar do governo um aumento de 30%, a partir de janeiro, e o prazo até 30 de junho de 1982 para entregarem suas propostas de reformulação das universidades. Estas foram as vitórias parciais da greve que abarcou a quase totalidade dos 35 mil professores, paralisando todas as 24 universidades autárquicas do país. O movimento recebeu o apoio de entidades como a União Nacional dos Estudantes e a Ordem dos Advogados do Brasil.

MOVIMENTO NACIONAL

Durante a greve nacional dos pro-

fessores universitários no ano passado, o general Figueiredo trocou Eduardo Portela pelo general Rubem Ludwig no Ministério da Educação. O general assumiu o MEC no dia 27 de novembro. Um ano depois, os professores entraram novamente em greve basicamente pelas mesmas reivindicações. O governo não atendeu à exigência dos grevistas, representados pela Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior, de reajustes semestrais, dotação orçamentária de 12% para a Educação, etc. Mas foi obrigado a admitir que as reivindicações dos docentes são justas, e ceder o aumento de 30% em seus salários. Os professores provaram, mais uma vez, que com luta e mobilização, conseguem alcançar vitórias.



600 lavradores protestam em Miracatu exigindo terras

Sob forte esquema policial, cerca de 600 trabalhadores rurais realizaram no dia 18 de outubro uma concentração em Miracatu, interior de São Paulo. A manifestação teve como objetivo exigir a expropriação de uma gleba de terra no bairro Vista Grande e sua distribuição às 32 famílias que lá trabalham há vários anos. Estes lavradores têm vivido em permanente conflito com os jagunços do grileiro Angelo Papalardo, que se diz dono da área, e conta com a proteção da polícia e do Juiz local. Para amedrontar os manifestantes, além da polícia de Miracatu, foi acionado o Batalhão de Registro, que tomou o centro da cidade. (do correspondente)

A APEOESP retoma ligação com Confederação dos Professores

A filiação da Associação dos Professores das Escolas Oficiais do Estado de São Paulo (APEOESP) à Confederação dos Professores do Brasil (CPB) foi o grande resultado do II Congresso Anual da entidade, realizado em Sorocaba, de 20 a 22 de novembro. Isso representa um grande reforço para a entidade nacional dos professores, e é um profundo golpe nas pretensões de sindicalismo paralelo da União Nacional dos Trabalhadores no Ensino, a Unate. Os professores aprovaram, ainda, as linhas gerais da campanha salarial de 1982, e já anunciaram sua disposição de ir em defesa de suas reivindicações. O secretário da Educação do governo Maluf, Luiz Ferreira Martins, foi ao Congresso com uma posição fechada: "Não vim aqui para negociar — afirmou —, mas sim para dialogar". No seu "diálogo" o secretário do Maluf achou as reivindicações dos professores "justas", mas não atendeu a nenhuma, e disse que estava procurando ser "simpático". Foi estrondosamente vaiado pelo plenário. Já as reivindicações políticas dos professores não foram aprovadas em plenário, devido às flagrantes manobras da mesa que conduziu os trabalhos, presidida por Paulo Frateschi. A mesa encerrou os trabalhos antes da leitura das resoluções das comissões.

Médicos mineiros na campanha salarial não aceitam divisão

Os médicos de Belo Horizonte estão em campanha salarial. A campanha abrange não só os hospitais e clínicas particulares como também a rede municipal, estadual e as Fundações que empregam médicos. Durante o julgamento do dissídio do ano passado o Tribunal Regional do Trabalho mostrou mais uma vez que a justiça está do lado dos patrões. Na tentativa de esvaziar a representatividade do Sindicato mentirosamente disse que o Sindicato só representava os médicos que vivem de consultório (1,5% da categoria) e não os assalariados (98,5%). (da sucursal)

Polícia Federal prende sindicalista em Juiz de Fora

No dia 9 de novembro foi preso por agentes da polícia federal em sua residência Ney Jacinto Pereira, secretário da U.N.S.P. (União Nacional dos Servidores Públicos) e membro do diretório municipal do PDT de Juiz de Fora. Permaneceu incomunicável por dez dias na penitenciária de Linhares sendo libertado no dia 19. A acusação que lhe foi feita era de incitamento à luta armada e à desordem pública, durante a reunião municipal para a organização de um núcleo pró-CUT na cidade. Aliás, Ney foi o único sindicalista que se manifestou favorável à organização da CUT em Juiz de Fora.

Ney é um combativo ativista político da oposição e diz que: "não acredito na chamada 'abertura' de Figueiredo porque ainda existe esta LSN que quer, por exemplo, me enquadrar. Eu só deixo Linhares e retorno à luta, graças à grande mobilização do povo da cidade que muito se comoveu com minha prisão, que muita solidariedade prestou à minha pessoa". (da sucursal)

Sede de lucro mata dois metalúrgicos na Aliperti

"Superexploração já matou 38 mil!". Esta foi a manchete da última Tribuna, que tratava dos acidentes de trabalho no país. No dia 11, enquanto aquela edição era impressa, dois operários faleciam e cerca de 20 ficavam feridos em mais um acidente de trabalho na Siderúrgica Aliperti, no bairro paulista da Água Funda. O caso serve para ilustrar a falta de respeito do capitalista pela vida do trabalhador.



A seta indica o ponto de onde Carlos e José Ventura desabaram

CULPA DA FIRMA

Carlos Hígino da Silva e José Ventura Esteves ficaram irreconhecíveis após desabarem do andaime de um alto-forno, a 20 metros de altura. "A culpa foi da Aliperti, porque eles obrigaram meu irmão a subir no andaime mesmo sabendo que o cimento estava verde e poderia não aguentar", comenta Antonia Hígino, irmã de Carlos. Bastante revoltada, conclui: "Meu irmão se matou naquela fábrica. Trabalhava todos os domingos, feriados e até dia santo. Nunca faltou no serviço no tempo em que trabalhou na Aliperti. Fazia muitas horas-extras. Já tinha três férias vencidas. Pensava em enriquecer. Acabou enriquecendo os donos da fábrica. As empresas não querem saber da vida do trabalhador, o que interessa é só a produção. Nós não podemos confiar nunca neles. A nossa vida não vai melhorar nunca se depender deles". Carlos tinha 24 anos, era pedreiro, casado há quase dois anos. Deixou um filho de seis meses.

talúrgico, há 23 anos na firma, lembra de inúmeros outros casos de acidentes, muitos deles fatais. Um lhe ficou gravado na mente: "O Osmar eu conhecia desde criança, nós nascemos em Sabará, em Minas, e viemos para São Paulo juntos. Um dia ele estava consertando uma máquina, ele era da manutenção, e a chave escapou da sua mão e ele caiu dentro da polia. Se desmanchou todinho, a firma nem teve trabalho pra pegar seus pedaços espalhados pelo chão. Aquilo me chocou muito, fiquei com um ódio danado da firma. Lá tem uma ordem de não desligar a máquina quando há conserto, só pra não baixar a produção. Isso é que causou a morte do Osmar e muitos outros". A Aliperti tentou enterrar Carlos e José no mesmo dia 11. "Eles queriam esconder o seu crime — diz Antonia. Eles não queriam escândalo. Mas a gente fez. Se não, seria igual a um cachorro que morreu. Eles enterravam e pronto".

"SEGURANÇA" EXCESSIVA

Um fato que salta à vista de todos é a contradição que existe entre a falta de segu-



Antonia quer punir a Aliperti

rança dos trabalhadores e a supersegurança da Aliperti. Dezenas de guardas de "segurança" rondam a fábrica, armados, inclusive de rifles. Um ativista sindical explica o porquê da excessiva segurança: "A firma diz que a excessiva segurança é para defendê-la dos assaltos. Quem tentaria roubar uma siderúrgica? O que a segurança faz é intimidar o pessoal. Eles andam pelas seções armados. Na saída dos turnos revistam os operários, como se alguém pudesse levar uma barra de ferro no bolso. Quando a gente vai distribuir folhetos na empresa, os policiais ficam vigiando pra ver quem pega os folhetos e depois delatar".



AGENDA DA MULHER 82
Agenda da Mulher 1982.
 Os temas atuais que mais preocupam as mulheres: política, planejamento familiar, creches, aborto, etc.
 Dados biográficos de mulheres célebres.
 Preço: 300 cruzeiros por 144 páginas em formato 12x21 cms.

Documentação e Memória
 Fundação Maurício Grabois

As crianças bóias-frias, exploradas e sem direitos

Quase 8 milhões de crianças trabalham na lavoura no Brasil. Muitas delas são os bóias-frias mirins, submetidos a horários desumanos e salários de fome nos canaviais, cafezais, plantações de laranja, feijão etc. Não têm nenhum direito trabalhista.

Antes de subir no caminhão que o levará ao trabalho, Benedito Rodrigues, 11 anos, vai comprar o pão para engolir no serviço, com o arroz, feijão e ovo, sua "bóia-fria". São 6 horas da manhã. Homens, mulheres e crianças dirigem-se à Praça Matriz de Capela do Alto, interior de São Paulo, onde caminhões e ônibus os esperam. As crianças, como Benedito, são magras e desdentadas.

SEM PROTEÇÃO

"Há dois meses eu estou na lavoura", conta o menino. "Ganho Cr\$ 1 mil por semana. Não tenho Carteira de Trabalho". Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, são mais de 7,5 milhões de crianças que trabalham na lavoura brasileira. Isso representa mais de 10% do total de crianças menores de 14 anos que trabalham no mundo. São explorados por um punhado de latifundiários e de "gatos", espécie de atravessadores que compram a força de trabalho dos bóias-frias para vendê-la aos latifundiários. Nenhuma fiscalização é feita para proteger seus direitos trabalhistas.

Um ônibus com os dizeres **Lazinho Alves Empreendimentos** sai de Capela do Alto. Leva mais de 40 bóias-frias. Lazinho é um dos principais "gatos" da região de Sorocaba. Maria José Rodrigues, 13 anos, foi contratada por ele: "Todo sábado eu recebo mais ou menos Cr\$ 1 mil. Dependendo da produção. Geralmente dá uma tarefa e meia por dia. Agora eu estou trabalhando no feijão, mas na laranja é melhor, porque o serviço é mais leve."

SEM ESTUDO

"O problema das crianças trabalharem em tão pouca idade - afirma o médico Sidnei Oliveira Flores - é que isso prejudica o seu desenvolvimento. Todas têm problemas de verminose, devido às condições de trabalho sem nenhuma higiene, sofrem também de desnutrição, com anomia freqüente, o que prejudica o crescimento do cérebro."

As crianças são obrigadas a trocar a escola pela lavoura. Maria das Neves, 15 anos, é

ma o professor José Assil de Arruda "Tem aluno que fica desesperado, esperando a hora da merenda. Alguns tem 14, 15 anos, e não saem da 3ª série. Acabam indo pra lavoura, sem completar o primeiro grau." (Carlos Pompe, enviado especial)



Acima: Benedito, há dois anos na lavoura. Os "gatos" enriquecem e os bóias-frias ficam na miséria.



Foto: L. Carlos Leite

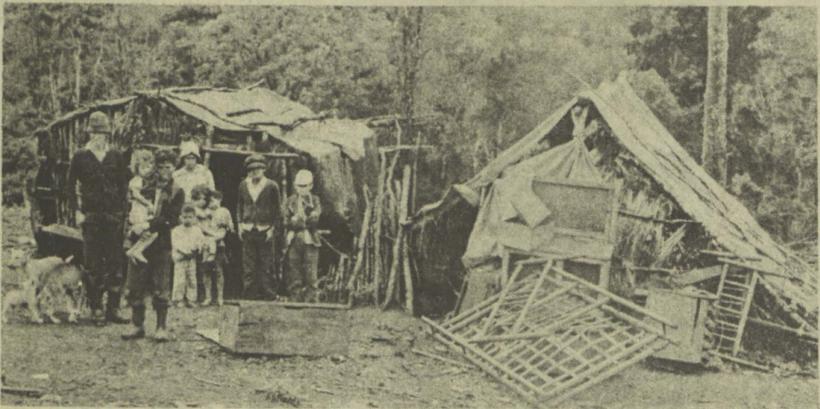
Mesmo assim dá lucro

Getúlio Alves, 23 anos, trabalha para o "gato" José Gregório há dois meses, transportando os bóias-frias: "O caminhão é meu. Transporte o pessoal pro trabalho e levo a colheita pro armazém. Mas estou começando agora. Um dia vou ser como o Lazinho, ter ônibus e tudo. Um 'gato' ganha uns Cr\$ 30 mil por semana, e o serviço é só conseguir bóias-frias pra trabalhar pros fazendeiros. O bóia-fria ganha no máximo Cr\$ 4 mil por semana, dando duro na enxada."

Getúlio está totalmente contaminado pela ganância capitalista. Vê, em tudo, relações de compra e venda. De tudo quer tirar lucros: "Esses

bóias-frias estão doidos por um serviço. Não têm escola, não sabem nem assinar o nome. Só servem pro trabalho da roça. Mas a gente consegue algum lucro".

Entre os 20 trabalhadores que Getúlio leva para a fazenda em seu caminhão, está uma mulher, grávida de cinco meses, com a filhinha de dois anos: "Por enquanto ainda dá pra trabalhar, então a gente aproveita pra conseguir um dinheirinho. Comecei o pré-natal este mês. Não tenho onde deixar a menina, por isso ela vai comigo. Ainda é muito pequena, não dá pra trabalhar. Ela só olha a gente fazer o serviço..."



Miséria em Santa Catarina: residência típica dos camponeses de Campo Erê

Conflitos de terra atingem 13 áreas em Santa Catarina

Os conflitos de terra já atingem todo o país. Em Santa Catarina, a Fetaesc (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado) denunciou a existência de 13 áreas de litígio de terra.

Em Matos Costa, no norte de Santa Catarina, 50 posseiros disputam "palmo a palmo" com a empresa Madecol 2.876 hectares de uma madeira, avaliados em três milhões de cruzeiros. O conflito já causou a morte do lavrador Licínio Jesus, emboscado por jagunços na Fazenda Cerro Azul, a mando da Madecol. Também no Norte, em Monte Castelo, 100 famílias de posseiros estão sendo acudados pela Empresa Industrial e Comercial Fack, que conta com o apoio do Juiz Loacyr Muniz Ribas. O Exército já interveio várias vezes a favor da Fack. Em Pampuvás 55 famílias de lavradores se defrontam com os Ruppel. E no município de



- A luta pela terra**
1. São Miguel do Oeste
 2. Campo Erê
 3. Pinhalzinho
 4. Xanxerê
 5. Matos Costa
 6. Três Barras
 7. Papanduvas
 8. Monte Castelo
 9. Ibirama
 10. Águas Mornas
 11. Lauro Müller
 12. Orleans
 13. Urussanga

Três Barros 70 famílias de colonos querem os seus 7.614 hectares de terra, roubados pelo governo e transformados em campo de manobras militares.

Ao Sul, em Lauro Muller, Orleans e Urussanga, a situação está preta. O juiz de Urussanga, João Pacheco, ao mesmo tempo em que seqüestra terras de 302 famílias de posseiros, desmascara-se ao permitir que a empresa Nora-

Lage derrube árvores de dois metros de diâmetro e construa pontes na área em litígio. Os posseiros não se calam: quebraram todas as pontes.

Em Ibirama, no Vale do Itajaí, ao Sul, 30 famílias de posseiros foram escoraçadas da sua área de 8.400 hectares. E em Águas Mornas 30 das 492 famílias que moram na área enfrentam o repugnante governador Bornhausen, que quer "legalizar" a área para com isso arancar três milhões de cruzeiros dos ocupantes.

Existe possibilidade de violento conflito em Campo Erê, no oeste, porque a desmoralizada "Justiça" deu ganho de causa para Etelvino Dano contra 41 famílias de posseiros. Em São Miguel, a PM destruiu a "traia" de 12 famílias e evacuou a área de 5.400 hectares. Tudo para beneficiar o latifundiário José Bulegan.

(da sucursal)



Na faixa, de uma manifestação em Madrid, o repúdio dos povos europeus ao belicismo de Reagan e Brejnev

EUA e URSS conversam de paz e preparam a guerra na Europa

Delegações dos Estados Unidos e União Soviética retomaram dia 30 em Genebra as conversações sobre as armas atômicas na Europa. Um jogo perigoso, onde as superpotências brigam, ou se entendem, mas os povos só têm a perder.

Cada parte apresentou-se em Genebra como fervorosa defensora da paz. Reagan anunciou dias antes o plano pomposamente intitulado "Opção Zero". Os soviéticos, por sua vez, chegaram à Suíça falando numa "redução radical das armas nucleares de porte médio na Europa". Se a segurança européia e mundial dependessem de belas palavras, os povos poderiam dormir tranquilos. Mas os fatos mostram outra coisa. A cada dia, gasta-se no mundo 1,5 bilhão de dólares em armamentos. E, deste total, cerca

de um bilhão corre exclusivamente por conta das duas superpotências.

TRAFICÂNCIA COM A PAZ

As conversações foram batizadas **START**, em substituição às finadas **Conversações SALT**, mas basicamente com o mesmo conteúdo. Em Genebra, mais uma vez, os representantes soviéticos e americanos traficam com a paz e o destino dos povos. Washington diz que existe uma superioridade soviética de seis para um em matéria de armas atômicas na Europa. Moscou diz que não, que

os mísseis da OTAN são 986, contra 975 do Pacto de Varsóvia. Reagan propõem com a "Opção Zero", trocar 250 mísseis soviéticos SS-20 instalados na Europa Oriental por 108 Pershing II e 464 Cruise que os EUA planejam instalar na Inglaterra, Alemanha, Itália, etc. Brejnev diz que não aceita e propõe uma redução na base de mísseis instalados por mísseis instalados. As conversações deverão arrastar-se até princípios de 1982, pelo menos.

OS POVOS NÃO CONFIAM

Afinal, conversações assim existem desde os tempos de Kennedy e Kruschev. Enquanto isso, os orçamentos militares e os arsenais das superpotências se multiplicam. Os blocos agressivos da OTAN (pró-americano) e do

Pacto de Varsóvia (pró-soviético) são soldados que os EUA e da URSS mantêm em vários países sob virtual ocupação militar.

Os povos trabalhadores da Europa não depositam suas esperanças de paz nas conversações entre os EUA e a URSS. Nem nos governos burgueses do Continente, via de regra comprometidos com os planos de uma ou outra superpotência. A esperança dos povos volta-se para sua própria luta. Uma semana antes do início das conversações, uma colossal manifestação de 350 mil pessoas tomou a cidade de Amsterdã (720 mil habitantes) protestando contra os preparativos guerreiros das superpotências. A partir de outubro, mais de 2,5 milhões de europeus já participaram de protestos deste tipo.

Greve dá vitória aos mineiros na Bolívia

Após 15 dias de greve, os trabalhadores das minas na Bolívia conquistaram algumas importantes vitórias contra o governo militar fascista que domina o país. Os mineiros exigiam o reconhecimento das organizações sindicais, colocadas na ilegalidade pelo general García Meza, em julho de 1980; a reabertura de suas emissoras de rádio, fechadas pelos militares; aumento de salários, congelados desde novembro de 1979; e a libertação de 59 grevistas presos.

RESPOSTA AO FASCISMO

No dia 26 os grevistas conseguiram a libertação dos grevistas encarcerados. Mas dois líderes dos mineiros "desapareceram", após terem sido presos pelos militares. Por isso, 21 mulheres, das quais três grávidas, continuam a greve de fome que iniciaram no dia 22 de novembro em solidariedade aos mineiros. Elas exigem o esclarecimento sobre o paradeiro dos líderes "desaparecidos".

A greve teve início na maior mina de estanho do país, a de Huanuni, e se pro-

pagou para as minas Siglo XX, San José e Catavi. Operários de La Paz, Cochabamba, Oruro e Potosí paralisaram o trabalho em solidariedade aos mineiros. Os estudantes realizaram assembleias onde manifestaram seu apoio aos grevistas. A resposta do governo militar chefiado por Celso Torriño foi a intervenção nas minas em greve e a prisão de estudantes e religiosos que participaram das manifestações.

Os bolivianos são submetidos a uma crescente situação de penúria pelos sucessivos governos militares. A expectativa de vida da população não chega a 50 anos. Para cada mil crianças nascidas vivas, 157 morrem antes de completar um ano de idade. Mais de 60 por cento da população são analfabetos. Somente nos dez primeiros meses deste ano, o custo de vida aumentou 50%, num país onde os salários estão congelados há dois anos. Os mineiros, que têm uma grande tradição de luta, apontam, com esta recente greve, o caminho que poderá levar o povo à conquista de melhores condições de vida.



Kissinger (apontado pelo círculo) fugiu no camburão

Protestos acompanham viagens de Kissinger

Protestos populares e conversas reservadas com autoridades marcaram a visita de Henry Kissinger ao Brasil e Peru. O ex-secretário de Estado do governo norte-americano esteve na América Latina para discutir como combater as lutas nacionalistas que estão ocorrendo no Continente, principalmente na América Central.

Kissinger recebeu 15 mil dólares (cerca de 1 milhão e 800 mil cruzeiros) para fazer uma conferência para ministros, parlamentares do PDS, empresários e diplomatas, na Universidade de Brasília.

Mas um protesto dos estudantes obrigou Kissinger a fugir num camburão, após a conferência. Os universitários acabaram acertando ovos podres no ministro Leitão de Abreu e outros assistentes da palestra.

Apesar de não ter cargo no governo de Ronald Reagan, Kissinger manteve encontros fechados, no Brasil, com os ministros Saraiva Guerreiro, Leitão de Abreu, Delfim Neto, e com o próprio general João Figueiredo. Do Brasil, Kissinger foi para o Peru, onde também foi recebido com protestos populares.

ABC do socialismo

As Democracias Populares fortalecem o socialismo

A II Guerra Mundial fez desmoronar o sistema de dominação colonial do imperialismo e criou condições para que um bloco de países se desprendesse do mundo capitalista. As forças do socialismo e da revolução se tornaram mais fortes.

Durante a Segunda Guerra Mundial, através da resistência à opressão fascista, e da luta contra as classes dominantes, que de uma ou outra forma sempre colaboraram com os fascistas, as massas populares tomaram consciência de sua força e de seus reais interesses.

DEMOCRACIA POPULAR

Cresceu o movimento operário e popular pela democracia e pelo socialismo. Cresceram os movimentos de libertação nacional contra a dominação colonial. A União Soviética, apesar das grandes perdas materiais e humanas que sofreu, por suportar o peso principal da guerra, saiu fortalecida do ponto de vista político e mais respeitada pelos povos de todo mundo. O sistema capitalista saiu profundamente abalado e



Ho Chi Minh

mais cheio de contradições. Os Estados Unidos surgiram como o país hegemônico no mundo capitalista.

Em diversos países do Leste Europeu, sob a direção dos

Partidos Comunistas, foi vitorioso um movimento revolucionário que instaurou um poder popular, dirigido contra o fascismo, contra o imperialismo e contra os restos de dominação dos latifundiários e da nobreza.

Com o avanço da revolução, estas **democracias populares** passaram a liquidar o domínio da burguesia, nacionalizaram as indústrias, os bancos, os transportes, as fontes de energia e de matérias-primas. De acordo com estas transformações, passaram à destruição do Estado burguês e à construção do Estado socialista. Junto com a União Soviética, a Tchecoslováquia, Polónia, Albânia, Bulgária, Hungria, Romênia e outros países passaram a formar um poderoso campo socialista, englobando cerca de um terço da humanidade.

Na Ásia e na África, o sistema colonial começou a desmoronar. Uma grande revolução camponesa, democrática e anti-imperialista triunfou na

China, despertando novas esperanças nos povos oprimidos. O povo vietnamita, liderado por Ho Chi Minh, começou a luta em larga escala contra os colonialistas franceses. Um após outro, diversos países como a Índia, Indonésia, Gana e Egito tornaram-se independentes. Apesar de não terem caráter proletário, os movimentos de libertação nacional combatiam o imperialismo e eram aliados da revolução mundial socialista.

A CORRELAÇÃO MUDOU

As forças da paz, da independência, da democracia e do socialismo tornaram-se mais fortes do que as forças do imperialismo, da reação e do fascismo. Para defender o capitalismo, o imperialismo desencadeou uma campanha furiosa contra a revolução e o socialismo. E dentro dos próprios países socialistas iniciaram os elementos oportunistas. A seguir, a batalha contra o revisionismo stalinista.

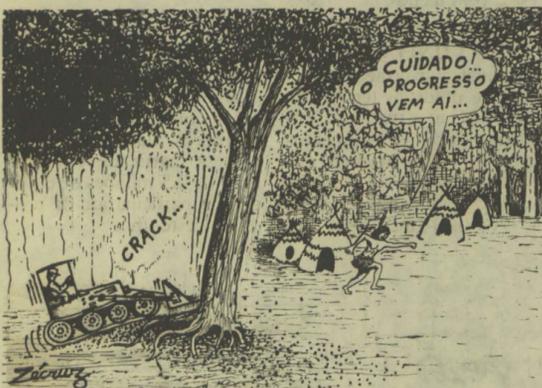


Neste número "Fala o Povo" publica muitas cartas importantes. Uma, do ex-presidente da UNE, Aldo Rebelo, que esclarece suas posições e critica aqueles que, sem ter argumentos políticos, tentam ridicularizá-lo e assim desacreditar a entidade máxima dos estudantes.

Destacamos ainda a carta de um ex-operário da CIBEB, da Bahia, denunciando a morte de um colega por falta de segurança no trabalho. Outra carta denuncia a invasão das terras indígenas no Amazonas pelas multinacionais. Uma outra fala da violência no campo em Caetité. Políticos do PDS ameaçam lavradores da oposição. Uma mãe de 10 filhos morreu no INPS de Salvador em condições suspeitas.

Temos um quadro da difícil situação em que vive nosso povo, perseguido, explorado e oprimido. Mas essas cartas além de denúncias mostram muitas vezes os caminhos de luta que o povo encontra para se defender. Continuem a escrever. Façam desta seção a mais forte deste jornal porque ela é escrita pelos próprios leitores.

(Olivia Rangel)



Multinacional invade reserva indígena

A reserva indígena Sataré-Mawé, localizada no município de Barreirinha, Amazônia, onde vive uma população de 5.480 índios, está ameaçada de ser extinta, caso não haja pronta e eficaz mobilização das entidades que compõem o Comitê de Apoio à causa dos Sataré-Mawé, no sentido de frear o avanço da multinacional Elf Equitaine naquela reserva.

A Elf Equitaine, de origem francesa e ligada à exploração petrolífera, acaba de formalizar um "contrato de risco" com a Petrobrás para explorar a região onde vivem os Sataré-Mawé. Atualmente, mais de 150 funcionários, entre estrangeiros e brasileiros, estão na área fazendo perfurações e dinamitando áreas. A invasão se processou sem qualquer consulta à tribo que, revoltada, procurou o

delegado da Funai no Amazonas, Kazuto Kawamoto.

Os funcionários da Elf, acampados no seio da reserva, estão distribuindo bebidas, passando filmes pornográficos e aliciando menores de até 12 anos, segundo os representantes da nação indígena, Dico e Emílio, que encontram-se atualmente em Manaus discutindo problemas do seu povo e solicitando o apoio das entidades para fazer frente a estes abusos.

Essa não é a primeira vez que a nação é ameaçada pela ambição e irracionalismo do "homem branco". O ano passado uma estrada ligando Maués a Itaituba ameaçava cortar a reserva ao meio. Todos esses absurdos acontecem com a conivência da própria Funai e do governo.

(Sucursal de Manaus)

Metalúrgicos de Itú param a fim de receber

No dia 12 de novembro os 317 operários da Metalúrgica Indaru, em Itú (SP), paralisaram as atividades por motivo de atraso de pagamento. Aproveitaram para reclamar da falta de segurança no trabalho; falta de água até para beber; e também do não-pagamento da multa devido ao atraso de pagamento. Tomaram o exemplo de outras categorias e formaram sua comissão de fábrica, eleita pela própria base. Um fato interessante é que dos 14 membros da comissão, 6 são mulheres.

Já no primeiro dia da greve ocorre um incidente com a polícia. Às duas horas da tarde chegam quatro camburões da PM, a mando da diretoria da Indaru. Entram na empresa armados e tentam obrigar os operários a trabalhar, mas os operários não se intimidam e só obedecem à voz da comissão de fábrica. Depois a polícia tenta prender dois dirigentes do Sindicato - que esteve sempre à frente da greve. Os operários não deixam e a polícia recua com uma

chuva de vaia de mais de 150 operários.

Os operários e o Sindicato juntos organizam a greve, preparam faixas e fazem até um hino para a greve. Acuada, a empresa comunica que todos aqueles que fizeram a greve já poderiam se considerar demitidos. Mas no dia 13 há uma mesa redonda na DRT, que dura mais de quatro horas, entre a comissão, o Sindicato e a empresa. Os operários esperam do lado de fora, com faixa, e vão trocando idéias, mantendo-se cada vez mais unidos.

Devido à esta união eles conquistaram todas as suas reivindicações. Só na questão da estabilidade, que eles pediam de um ano, conseguem por 60 dias. A Indaru não pode nem demitir ninguém. Apesar das pressões da firma para nenhum empregado se sindicalizar, com a vitória todos os operários da Indaru se associaram ao seu Sindicato.

(De um metalúrgico - Itú, São Paulo)

Prefeito acha que município de Glória de

O atual prefeito do Município de Glória, sr. José Manoel Braz, é um ladrão administrativo dos bens, verbas, e rendas públicas que tenho conhecimento e que usa e abusa do cargo sem nada lhe acontecer.

Tão logo assumiu o cargo, o sr. José Manoel Braz não fez nada mais nada menos do que arrebanhar os seus cabos eleitorais que lhe deram a vitória e pedir-lhes o seu débito. Após ter conhecimento dos valores, passou a apoderar-se dos bens, verbas e rendas públicas do município e saldá-las. Não foi difícil ele ser descoberto, o difícil é achar o método para ser apurada a responsabilidade do ladrão.

Devido a falta de providência, passou o sr. José Manoel Braz a utilizar os bens, verbas e rendas públicas como se a ele pertencessem. Senão vejamos: A prefeitura possui uma ambulância; mas para transportar o doente a família tem que pagar a gasolina. No entanto ele tira a gasolina dos veículos da prefeitura e dá abertamente aos seus amigos e eleitores; presenteia o sr. Severino de Joca, como é conhecido, com uma camioneta C-10 de propriedade da prefeitura; constrói em sua fazenda tanque de alvenaria e manda que o carro pipa da prefeitura leve água para sua propriedade. No entanto vários lugares da zona rural passam necessidade do produto. Face à denúncia peço às autoridades competentes que façam as devidas investigações para que um ladrão como este não fique impune.

(I.F.S. de Nova Glória - Bahia)

Sindicato de Sorocaba aceita pressão patronal

Aqui em Sorocaba a situação da classe trabalhadora não é diferente de outros lugares. Devido à queda da produção industrial, a Metalúrgica Nossa Senhora Aparecida jogou a crise nas costas dos trabalhadores. Procurou a diretoria pelega do Sindicato dos Metalúrgicos e propôs a redução da jornada de trabalho.

A empresa ameaçou com a demissão de inúmeros trabalhadores caso o acordo não fosse aceito. O sindicato ao invés de mobilizar os trabalhadores e denunciar as manobras da Metalúrgica, pressionou os metalúrgicos para que aceitassem a redução da jornada de trabalho.

Nesse clima as "eleições" para se decidir sobre a aceitação ou não da redução da jornada trouxeram uma derrota para nós trabalhadores.

Passados alguns meses, percebemos a armadilha em que caímos. Até o adiantamento que recebíamos no dia 20 de cada mês, hoje só recebemos no dia 30. E o pagamento que recebíamos no dia 5, hoje não sai antes do dia 12 indo até o dia 15.

Isso vem provar a nós trabalhadores que, quando estamos desorganizados e tendo diretorias pelegas em nossos sindicatos, não dá outra: os patrões, como vampiros vorazes, avançam na exploração de nossa força de trabalho.

(Um leitor da Tribuna em Sorocaba - SP)

Favelados de Aracaju lutam por suas posses

Nós, moradores de Farolândia, estamos enfrentando sérios problemas. Há alguns meses atrás o grileiro Zé Domingos (o qual se diz dono dos terrenos) e a Prefeitura de Aracaju, tentaram nos expulsar daqui só que nós não saímos nem sairemos. Este é o único lugar que serve para gente morar. O grileiro Zé Domingos nunca apresentou documentos dos terrenos e algumas pessoas que compraram terrenos e construíram seus barracões já pagaram, e até hoje não receberam a escritura do terreno pois o grileiro alega ser separado da esposa e a mesma não assina a escritura.

Além desses problemas, enfrentamos outros. Por exemplo: não temos transportes e para se pegar um coletivo temos que andar de dez a quinze minutos com feira e tudo nas costas; e também a falta d'água. Só temos água durante duas horas por dia quando o "DESO" resolve abrir a chave do chafariz. (Grupo de favelados de Farolândia, Aracaju - Sergipe)

Bate-pau rouba professoras em Poço das Pedras

Gostaria de denunciar à Tribuna Operária a perseguição que um bate-pau do prefeito de Poço das Pedras está fazendo aqui no povoado de Belém dos Lajes. O nome do bate-pau (que se apresenta como representante do PDS no povoado) é Antônio Píneiheiro da Silva, vulgo Antônio da Farmácia.

Esse sujeito está furtando o dinheiro das professoras municipais, que deveriam receber 4 mil cruzeiros mensais, mas ele segura parte do dinheiro e só paga mil e duzentos cruzeiros.

Ele também persegue famílias, desacatando as viúvas e as mulheres largadas dos maridos. Os trabalhadores rurais que se filiam ao sindicato também são perseguidos pelo Antônio da Farmácia, que apóia os grileiros da região e os pelegos.

(A.A.L. - lavrador em Poço das Pedras, Maranhão)

Morte por choque foi culpa do patrão

O capataz obrigou Florivaldo a usar a máquina defeituosa e ele morreu

Sou um ex-funcionário da Companhia de Bebidas do Estado da Bahia, CIBEB, do Grupo Brahma. Gostaria de fazer uma denúncia muito grave de fatos que vêm acontecendo e que culminaram com a morte de um companheiro no dia 30 de outubro.

A CIBEB, com sede em Camaçari, perto do Polo Petroquímico, vem cometendo as maiores transgressões contra os operários há 10 anos. Porém, os operários nunca se mobilizaram por não ter um sindicato livre, estando na mão da pelegrada que há uma década não deixa que os companheiros lutem por nenhuma melhoria.

Fui admitido em 15 de janeiro deste ano no cargo de mecânico industrial. Comecei a trabalhar procurando conscientizar os companheiros, como deveriam se unir para lutar contra a exploração patronal. Formamos uma comissão reivindicando assistência médica adequada, segurança e higiene nos setores de trabalho, alimentação adequada, jornada de 40 horas semanais e melhorias salariais como promoção para todos.

No dia 30 de outubro, às 19:30 horas, após uma longa jornada de trabalho de 12 horas, o companheiro de 23 anos Florivaldo Souza Santos, casado, com um filho de 21 dias de nascido, morreu barbaramente eletrocutado na corrente de 220 volts, ao operar uma máquina de lavar chão sem que a mesma tenha sido inspecionada. O companheiro foi obrigado a fazer este serviço que não lhe competia para não ser punido pelo capataz Américo e seus asseclas. No dia 2 de novembro, eu compareci à fábrica junto



com a comissão. Paralisamos o trabalho por uma hora e meia para reivindicar nossas bandeiras. A paralisação contou com a participação de todos.

Desesperados, os patrões acionaram a repressão. Pediram que eu me retratasse, caso contrário per-

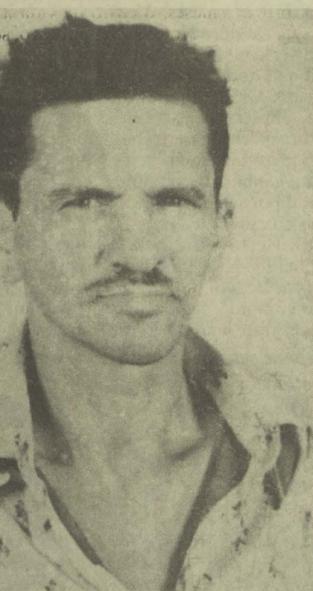
deria o emprego. Não me submeti, sendo sumariamente demitido no dia 3. A luta continua. A comissão e todos os operários estão mais conscientes após a morte do companheiro e minha demissão. (Um operário demitido amigo da TO - Salvador, Bahia)

Lavrador sequestrado pela PM na cidade de Caetité

Caetité, cidade do sertão baiano, está estarelecida com a violência desencadeada por setores do PDS local contra cidadãos membros da oposição.

Recentemente causou revolta à população o fato ocorrido com o lavrador Waldemar Fernandes Teixeira, conhecido como "Pé Duro". Ele é membro do PMDB de Caetité, figura muito estimada por todos, homem honrado, casado, pai de 10 filhos.

Pé Duro foi vítima de seqüestro e espancamento brutal que o deixou doente. Até hoje respira com dificuldade e ainda não pode trabalhar para sustentar sua família. Enquanto isso os criminosos continuam soltos, passeando pelas ruas, sem qualquer punição. A população está exigindo a apuração do fato, punição dos mandantes e executores do atentado contra Waldemar.



Pé-Duro membro do PMDB foi torturado pela PM

res do atentado contra Waldemar. Ele conta o que ocorreu: "Eu estava numa venda quando dois homens paisanos começaram

a revistar todas as pessoas e trataram todo mundo mal. Eu então perguntei se eles eram da polícia. De imediato me algemaram e me levaram junto com Antenor Lobo e Davi, lavrador, para o quartel da PM. E lá começaram a nos espancar. Espancaram a gente por mais de 30 minutos, pisaram em meu peito e minha barriga. Ficamos sabendo que eram um sargento, o soldado da PM Joel e o carcereiro Anésio."

Logo que os familiares de Pé Duro tomaram conhecimento dos fatos começaram a procurá-lo e sua esposa foi ao prefeito Nivaldo, do PDS e contou o que houvera. E ouviu dele: "Quem manda no PDS aqui é o Dr. Clarismundo Pontes, vá falar com ele". Revoltada com o bárbaro espancamento que seu marido sofreu, ela disse: "Esta cidade não tem justiça".

Em Caetité o povo fala que esta não é a primeira vez que ocorrem violências. O chefe do PDS anda ameaçando prender e bater em quem fizer oposição... Mas o povo diz que em 1982 sairá do curul do Clarismundo para viver a liberdade e o governo será derrotado. (de Caetité, Bahia).

Construtora de Mariana promete muito mas paga mal

A Construtora Norberto Odebrecht logo que veio para Mariana, contratada pela Companhia Vale do Rio Doce admitiu centenas de operários do local e de outras regiões, principalmente da Bahia, chegando a colocar ônibus para transportá-los para o local da obra. O número de operários chegou a 5 mil.

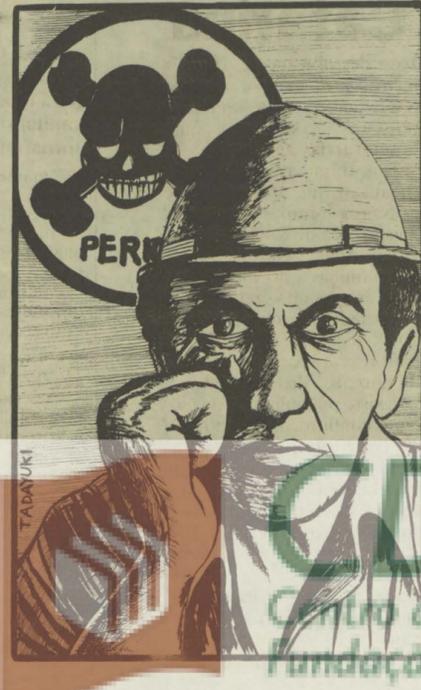
Desde o início das obras, as condições de trabalho são péssimas: os acidentes de trabalho chegam a mais de cem por mês, e muitos deles provocam a morte dos trabalhadores. A alimentação é da pior qualidade sendo freqüente os operários vomitarem e terem diarréia com sangue.

Os alojamentos são escassos e com péssimas condições, obrigando uma grande parte dos operários a procurar a comunidade de Mariana, fazendo a migração para a localização "militar" e o crescimento das favelas.

E de alguns meses para cá a demissão de operários está sendo uma rotina quase diária. Mas a partir do mês de novembro, até o fim do ano, as demissões vão chegar a uma média de 250 operários por semana.

E para completar todas as arbitrariedades que a Odebrecht comete, ela não garante o retorno dos operários ao local onde ela os buscou e ainda sistematicamente "dá o tombo" na hora do acerto de contas. O resultado de tudo isso são as intermináveis filas na demorada Justiça do Trabalho e um grande número de desempregados na cidade de Mariana, sem que o governo nada faça.

Tudo isso vem mostrar como o capitalismo só quer explorar até a última gota de sangue do operário. E nas horas de crise quem paga é o trabalhador. (Operário da Odebrecht, Mariana, Minas Gerais)



Centro de Documentação e Memória Fundação Municipal Graciliano

Polícia ataca o povo que não aceita ônibus caro

Manifestações populares de até 5 mil pessoas. Invasão da Câmara Municipal de São Luiz e da casa do arcebispo pela PM. Vereador e estudantes seqüestrados, torturados e ameaçados de morte; mais de 50 feridos pela violência policial. Quarenta e um ônibus apreendidos pela população em revolta. O aumento de até 66% nas tarifas de ônibus da capital maranhense provocou confrontos entre a população e o governo que lembram os acontecimentos de Salvador em agosto.

A grande manifestação, brutalmente reprimida, começou de maneira pacífica, no dia 24, em frente à Câmara dos Vereadores. O povo simplesmente pressionava os vereadores para que aprovassem o requerimento do vereador Hélcio Silva, do PMDB, reduzindo o preço das passagens. Mesmo quando viu-se que o PDS não queria votar, a massa se manteve tranquila. De repente, uma tropa de choque da polícia cercou o povo e passou a jogar bombas de gás lacrimogênio. Segundo apurou-se mais tarde, a ordem do ataque veio do próprio governador João Castelo. Começou a confusão. Populares e vereadores choravam. Surgiram os primeiros feridos, dos mais de 50 que já resultaram da crise de São Luiz. Várias pessoas tiveram que ser hospitalizadas, intoxicadas pelo gás.

ARQUIDIOCESE INVADIDA

Os manifestantes decidiram permanecer de vigília na Câmara, até a votação. Mas, de madrugada, 50 policiais armados até de escopetas invadiram a casa, com autorização do presidente governista, depedram móveis, agrediram e expulsaram os 250 populares que ali se encontravam.

O povo procurou abrigo na Arquidiocese, a dois quarteirões de distância, mas a tropa foi atrás. A PM chegou mesmo a invadir a residência do arce-

bispo, retirando de lá o operário Vitório Aguiar, do Movimento Contra a Carestia, brutalmente espancado. Em nota oficial, o arcebispo protestou contra a invasão e as violências.

Na quarta-feira, a Câmara não pôde funcionar, tal a quantidade de gás que havia no prédio. Quinta-feira, a sessão foi de apenas alguns minutos, não votando o requerimento. Os 200 populares que esperavam o resultado da votação, na porta, se revoltaram. A dois quarteirões

da Câmara, um ônibus foi depedrado e, aí, os apedrejamentos de veículos se espalharam até por bairros longínquos.

O SEQUESTRO DO VEREADOR

No mesmo dia, à noite, o vereador Hélcio Silva foi seqüestrado por policiais, que o arrancaram de seu carro e levaram-no ao DOPS e, pela madrugada, à Polícia Federal. Chegaram a enfiar o cano de um revólver na boca de Hélcio, além de dar-lhe coronhadas na cabeça. Ao mesmo tempo, a secretaria de Segurança ameaça o vereador com a Lei de Segurança Nacional.

Na noite de sexta-feira 27, outro seqüestro vitimou três estudantes. Eles foram levados para a praia de Araçaji e torturados com um facão e paus. Um deles, Luis Alberto, que teve de receber cuidados médicos, denunciou a existência de uma lista de

políticos, jornalistas e lideranças populares que podem ser seqüestradas a qualquer momento.

Mas a luta contra o aumento continua firme. O Movimento Contra a Carestia, o PMDB, PT, PDT e várias entidades estão correndo pela cidade um abaixo-assinado que já recebeu a adesão de 70 mil pessoas. Os pichamentos cobrem os bairros, exigindo a revogação do aumento.

A LUTA CONTINUA FIRME

O clima na cidade é de franco repúdio à brutalidade policial e apoio ao movimento contra o aumento abusivo das tarifas. A população de São Luiz, uma das capitais mais pobres da Federação, simplesmente não tem condições de suportar o preço majorado.

(Luiz Pedro, da sucursal)



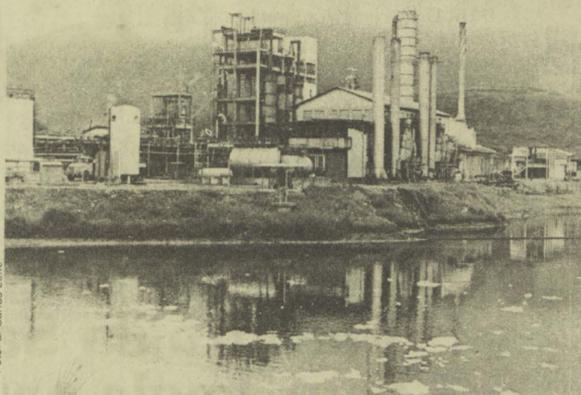
Diante da Câmara de Vereadores, a polícia investe contra os manifestantes que a recebem com ironias

Poluição dá lucro a patrões e mata crianças em Cubatão

Se não fosse pelo calor opressivo, seria difícil afirmar que estávamos no verão em Cubatão, cidade do litoral paulista. Não por acaso ela é considerada a mais poluída do mundo. Uma espessa fumaça onde se misturam o cinza, o branco e algumas vezes cores como rosa e verde, cobrem permanentemente o céu.

É difícil respirar. Os gases expelidos pelas empresas que compõem o cordão industrial sufocam, ardem no pulmão e muitas vezes se transformam numa chuva ácida, que arde na pele. São duas estatais e 24 multinacionais, entre as quais a Rhodia, Carbo Cloro, Union Carbide e Manah, que não usam filtros nem tomam qualquer providência. Os 80 mil habitantes do município recebem mensalmente uma carga de 87,6 toneladas de poluentes, mais de 10 quilos para cada um! Como afirmou uma funcionária da Prefeitura, "aqui a gente tem que fechar a casa, principalmente nos fins de semana. O mau-cheiro é sufocante, arde o nariz e o pulmão da gente".

Os mais atingidos são os 15 mil moradores de Vila Parisi, formada por famílias de operários da Cosipa e das indústrias



O rio contaminado e o ar poluído que causam doença e morte

próximas. Além dos gases, eles são afetados pela poluição das águas do rio que corre próximo e que não tem peixe nem vida animal. É apenas um fluxo de água esverdeada e imunda, onde muitas crianças nadam e as mulheres são obrigadas a lavar a roupa.

DEFORMIDADES

Mas os moradores de Cubatão estão enfrentando um problema bem maior, que se transformou num verdadeiro pesadelo: nos últimos dois anos, 10 crianças nasceram com anencefalia, ou seja, sem o cérebro. Cinco crianças nasceram com esta mesma deformidade em Santos e duas em São Vicente, cidades vizinhas.

Além disso, foram registrados muitos casos de falta dos membros superiores e inferiores, problemas cardíacos, além de outros defeitos. Sem contar as centenas de casos de tuberculose, pneumonia e outras doenças respiratórias.

Essas doenças, particularmente as deformidades, estão revoltando a população. A vizinha de Maria Geilda, uma das mulheres que teve uma criança sem cérebro, comenta: "Ela chegou aqui há três anos, grávida de dois meses. Abortou com cinco. O outro filho nasceu assim. Mas em Pernambuco ela teve dois

filhos normais. O marido dela trabalhou na Cosipa e estava desempregado. Mas mesmo assim eles queriam a criança".

Embora revoltados, os moradores de Cubatão têm medo de culpar as indústrias. Afinal, eles trabalham nelas, e precisam viver. Preferem aceitar a explicação fácil das autoridades e certos funcionários da prefeitura, que procuram culpar as mulheres "por terem tomado remédio para não ter os filhos". Mas alguns são mais corajosos. E a denúncia correu, passando a ocupar as páginas dos jornais.

Isso contribuiu para revelar outra podridão que os habitan-

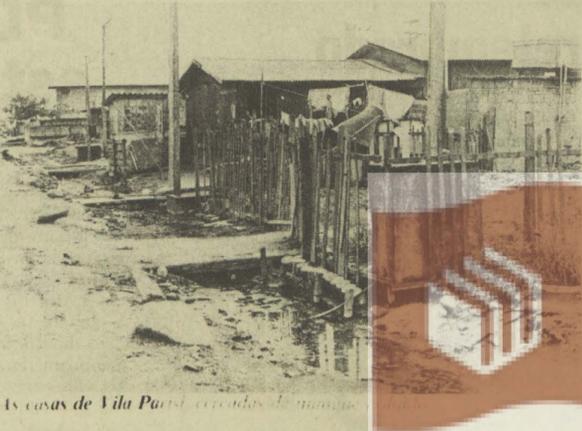
tes da cidade têm que enfrentar: a corrupção dos políticos do PDS. Eles foram acusados de receber dinheiro de duas empreiteiras. Mas alguns jornalistas do **Cidade de Santos** levantaram a lebre: este caso escondia coisa maior. Na realidade, o PDS local estaria ganhando para não denunciar a poluição e engavetar os projetos que poderiam ajudar a combatê-la.

CORRUPÇÃO SOLTA

Daí surgiu a proposta de "evacuar a Vila Parisi". Como afirmou uma moradora, "nós não vamos sair daqui. Eu vim do Norte sem nada. Agora tenho minha casinha. Se sair para onde vou com minhas crianças?" E o presidente da Associação de Moradores, Jaime de Abreu, completa: "Tem é que urbanizar a vila. As indústrias precisam colocar filtros para acabar com a poluição".

E de fato, a solução não é evacuar as vilas. Senão, as empresas teriam que acabar com Santos e São Vicente, onde também se registraram casos de deformações em bebês. Quando os moradores dessas cidades se organizarem para defender seus direitos e a saúde de seus filhos, estará dado o primeiro passo para deter a ação nefasta das empresas poluidoras.

(Olivia Rangel, enviada especial)



As casas de Vila Parisi cercadas de mineração



Eliete e sua filha Tatiana diante das covas de seus dois filhos

Cercos em São Bernardo mata crianças a tiros

Uma verdadeira caçada humana, que mobilizou cerca de 200 policiais, usando até cães, ocorreu na localidade de Riacho Grande, próximo a São Bernardo, no ABC paulista. No final de seis dias de cerco — de 14 a 19 de novembro — havia um saldo de oito mortos: seis menores (inclusive uma menina grávida), um motorista e um policial. Esta foi mais uma batalha na guerra que vem sendo travada contra os menores abandonados do país, cerca de 25 milhões de crianças. O Movimento de Defesa do Menor de São Paulo, lançou um documento, onde diz que para a polícia, "há um inimigo a abater e não um desencaminhado a recuperar".

Wilsinho Galiléia, acusado de 14 crimes, tornou-se um dos nomes mais famosos desse exército de delinquentes juvenis. Pouco antes de morrer nas mãos da polícia, afirmou: "Quando tive fome, até uma bolacha me negaram. O que vocês querem que eu faça? Meu melhor amigo, o Pinguim, foi metralhado pelos tiras em 1977 e, com a cara na lama, já baleado, pedia pelo amor de Deus que não o matassem. Em vez de piedade os tiras cuspiram em seu rosto. Vocês acham isso justo?"

FÁBRICA DE MARGINAIS

O número de menores delinquentes vem aumentando assustadoramente. Em São Paulo, de 1969 a 1980, passou de 5 mil para 18 mil. Isto é fruto da marginalização de grande parte da população brasileira. Só no estado de São Paulo existem 7 milhões de carentes e marginalizados. A metade deles são menores de 18 anos. Menores carentes são todos aqueles que não conseguem ter uma vida digna, seja por falta de atendimentos médicos, educação, trabalho, habitação, etc.

Para cuidar de toda essa problemática existe a Funabem (Fundação Nacional do Bem Estar do Menor) e, a nível estadual, as Febem. Mas somente um dado mostra que a Funabem não cumpre o seu papel: 76% dos menores com problemas de conduta no país saem dos internatos oficiais. Como diz a presidente do Movimento de Defesa do Menor de São Paulo, Lia Junqueira, "a Febem não recupera ninguém, ela destrói as pessoas".

Existem graves acusações contra estas entidades oficiais. Até março de 1979, a Funabem estimulava o homossexualismo entre garotos excepcionais e doentes mentais internados. A própria presidente da Funabem nesta época — Ecléa Guazzeli — visitou o Centro de Recolhimento Provisório de menores no Rio e encontrou dezenas de garotos maltratados, alguns com pernas e braços quebrados. Em agosto de 1980, os deputados Almir Pazzianoto e Flávio Bierenbach visitaram unidades da Febem em São Paulo e entre outras irregularidades, puderam comprovar o tráfico de entorpecentes dentro das unidades para menores e maus tratos.

VÍTIMAS DA SOCIEDADE

Quando não sofrem a violência destes organismos oficiais, os menores marginalizados são estimulados à violência pela fome e as demais consequências da crise social no país. Nos últimos três anos, quase 250 policiais estavam sob suspeita de explorar menores para assaltos e roubos na cidade de São Paulo. Nos últimos dez anos, os 18 mil menores delinquentes paulistas já mataram duas mil pessoas. Para resolver este problema, crianças são caçadas como feras e na maioria das vezes mortas implacavelmente. Lia Junqueira explica isso como "uma política de genocídio dos menores".

(Domingos Abreu)

"Policiais só estão matando"

Eliete Cândida da Silva é uma mulher que já perdeu a alegria no seu rosto. Tendo nos braços sua filha caçula, Tatiana, de três anos, ela fala com revolta e pede punição para os assassinos de seus três filhos. Eliete é mãe de Ramiro, 18 anos, e de Ednéia Paulino da Silva, 16 anos, mortos no cerco de Riacho Grande. Um outro irmão de Ramiro, o conhecido Wilsinho "Galiléia" foi morto em 1978 pela polícia com mais de 18 balas de grosso calibre, logo após completar 18 anos. Quando soube da morte de seus filhos, Eliete foi até o Instituto Médico Legal. "A polícia falou pra mim — diz Eliete — que descarregou a metralhadora nos meus filhos, e que, mesmo se eles não reagissem, matavam da mesma maneira. Então falei que entre policial e bandido não existe mais separação".

"Esses policiais — continua ela — são uns pilantras e sem vergonhas. Agora eles estão só matando. Em 1978 eles vinham na minha casa e pediam pra mim falar pro Wilsinho levar dinheiro pra eles. Quando o Wilsinho chegava, ele dizia que não tinha dinheiro pra dar a eles e sim uma bala no meio da testa".

Nascida em Garanhuns, interior de Pernambuco, há 45 anos, Eliete se casou aos 14 anos e em seguida veio com seu marido para São Paulo. Um dia, Santiago, que era carpinteiro, caiu do andaime onde trabalhava e algum tempo depois morreu. Hoje



Ramiro morreu metralhado aos 18 anos

viúva, Eliete vive do salário-aposentadoria de Santiago: Cr\$ 5.600,00. "Logo depois que meu marido morreu eu fiquei uns tempos no hospital. Nesta época que a Ednéia foi pra Febem".

Pouco antes de ser morta, grávida de três meses, Ednéia havia fugido da Febem dizendo que era muito maltratada lá. Wilson e Ramiro passaram dois anos na Febem. Maria Aparecida, 13 anos, está na Febem em Birigüi e ainda não sabe da morte dos irmãos. Celso, Sidnei e Luis estão presos na casa de detenção de São Paulo e compareceram algemados ao enterro dos irmãos mortos.



Poluição matou filhos de Geilda